

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ATUÁRIA
Curso de Ciências Econômicas

GABRIEL SAIRRE DOS REIS

**ECONOMIA DOS MEGAEVENTOS: PLANEJAMENTO,
EXECUÇÃO E EFEITOS NO BRASIL**
Uma análise teórica

Monografia de Bacharelado em Ciências Econômicas

São Paulo
Outubro/2022

GABRIEL SAIRRE DOS REIS

**ECONOMIA DOS MEGAEVENTOS: PLANEJAMENTO,
EXECUÇÃO E EFEITOS NO BRASIL**
Uma análise teórica

Monografia submetida à apreciação da banca examinadora do Departamento de Economia como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas. Elaborada sob a orientação do Professor Antônio Carlos Alves dos Santos.

São Paulo
Outubro/2022

O autor desta obra autoriza sua publicação eletrônica na Biblioteca Digital da PUC-SP. Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange a todos os dados do documento bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar nome da pessoa autora do trabalho e demais itens da referência bibliográfica.

Reis, Gabriel Sairre

Economia dos Megaeventos: Planejamento, Execução e Efeitos no Brasil – Uma análise teórica / Gabriel Sairre dos Reis. – São Paulo, 2022, 40p.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Econômicas

Orientador (a): Prof. Antonio Carlos Alves dos Santos

1. Megaeventos. 2. Efeitos. 3. Análise Teórica.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária.

DADOS DO ALUNO	
NOME:	RA:
CURSO:	SEM./ANO DE INGRESSO:

TIPO DE TRABALHO
<input type="checkbox"/> MONOGRAFIA
<input type="checkbox"/> PRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TRAB. DE CONCLUSÃO DO CURSO – BACH.
<input type="checkbox"/> PRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TRAB. DE CONCLUSÃO DO CURSO – LIC.
<input type="checkbox"/> PROJETO DE CENA
<input type="checkbox"/> PROJETO MONOGRÁFICO
<input type="checkbox"/> TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO
<input type="checkbox"/> OUTRO:

DADOS DO TRABALHO	
TÍTULO:	
ORIENTADOR:	
COMISSÃO EXAMINADORA	
PROF. 1:	
PROF. 2:	
PROF. 3:	
DATA DA AVALIAÇÃO DO TRABALHO:	NOTA:

PROFESSOR ORIENTADOR DO TRABALHO	
OBSERVAÇÕES:	
DATA:	ASSINATURA:

Regulamentação:

- Projetos Pedagógicos dos Cursos

Para uso da SAE	
Obs.:	_____

Data: ____/____/____	
Assinatura:	

REIS, Gabriel Sairre. **Economia dos Megaeventos: Planejamento, Execução e Efeitos no Brasil - Uma análise teórica**. São Paulo, 2022. 44p. Monografia de Bacharelado – Curso de Ciências Econômicas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e explicar como foi feito o planejamento, a execução e seus respectivos impactos, na política, economia e infraestrutura, de Megaeventos realizados no Brasil nos últimos anos, principalmente, dando o foco necessário aos Jogos Olímpicos de 2016, os quais repercutiram diversas conversas sobre se ainda possuem benefícios ou se trouxeram malefícios no longo prazo dessa realização. Expondo, de maneira clara, todos os elementos necessários para cada etapa de sua realização até consequências, como influências externas, perspectivas de melhora na situação do país com o turismo, injeção de empregos na economia para execução das obras e discussões a respeito de questões sociais.

Palavras chaves: Jogos Olímpicos, modelos, impactos e influência.

ABSTRACT

The present work aims to present and explain how the planning, execution, and their respective impacts, on politics, economy, and infrastructure, of Mega-events held in Brazil in recent years were made, mainly, giving the necessary focus to the 2016 Olympic Games, which echoed several conversations about whether they still have benefits or whether they brought harm in the long term of this realization. Clearly exposing all the elements necessary for each stage of its realization, including consequences, such as external influences, perspectives of improvement in the country's situation with tourism, injection of jobs into the economy for the execution of the works and discussions about social issues.

Key-words: *Olympic Games, models, impacts and influence.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPITULO I – O PLANEJAMENTO COMO BASE DA REALIZAÇÃO	10
1.1 O PLANEJAMENTO	10
1.2 ATRAÇÃO TURÍSTICA	16
1.3 MODELOS DE BASE	20
CAPITULO II – A INFLUÊNCIA EXTERNA E INTERNA NA EXECUÇÃO	24
2.1 A EXECUÇÃO	24
2.2 ESTRATÉGIA	25
2.3 INFLUÊNCIA JORNALÍSTICA	28
CAPITULO III – VALIDAÇÃO DOS EFEITOS NO PERÍODO PÓS EVENTO	33
3.1 OS IMPACTOS	33
3.2 DISPUTA PELO LEGADO	35
3.3 CUSTO-BENEFÍCIO	37
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

O Rio de Janeiro, conhecido por suas praias bonitas e uma ampla beleza natural, foi palco de um dos maiores eventos esportivos do mundo, os Jogos Olímpicos do Rio 2016.

Por ser um investimento de alto risco, principalmente para países subdesenvolvidos, a análise teórica deduz que os principais setores econômicos que foram beneficiados por essa ação não apresentaram alto impacto para a economia brasileira, sendo que isto também não contribuiu para a redução da desigualdade social no país como um todo.

Neste trabalho buscaremos apresentar uma análise do período até os dias atuais, como foram montadas as estratégias econômicas para que este evento acontecesse, e entender como os fatores externos e análises históricas de outros eventos contribuíram para sua realização.

Nesse sentido, a análise se dará inicialmente nos custos e benefícios de sediar um megaevento, como os Jogos Olímpicos são sempre alvo de polêmica. Entre outras coisas - por exemplo, o potencial turístico da cidade; planejamento, implantação e uso adequado do patrimônio - estes dependem muito do montante de investimento necessário para preparar a cidade para os Jogos. Tendo se estabelecido como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, o Rio de Janeiro exigia uma estratégia de desenvolvimento urbano abrangente que refletisse diretamente a dinâmica da economia local. Os Jogos foram vistos como uma tentativa de "mudar a cidade". Como anfitrião do evento, foram implementados projetos de melhoria de infraestrutura. Portanto, os investimentos na fase de preparação foram significativos.

Para se ter uma noção, o investimento total envolvido no período de preparação dos jogos, apurado nos documentos oficiais e concentrado majoritariamente nos quatro anos anteriores à sua realização, foi da ordem de R\$ 39 bilhões. Considerando-se, adicionalmente, os investimentos da rede hoteleira e do setor imobiliário (vilas de acomodação, por exemplo) no mesmo período, o esforço total superou em muito os R\$ 40 bilhões.

Voltando um pouco no tempo, se lembrarmos bem houve também outro megaevento bem importante para a imagem do Brasil em âmbito mundial, no caso, a Copa do Mundo realizada em 2014, sendo que o governo brasileiro havia prometido que, durante o período, contribuiria para a geração de renda e emprego, impulsionando os investimentos e a economia do país.

Na prática, ao menos o efeito de curto prazo do evento parece ter sido o oposto (embora ainda haja quem defenda que o Brasil pode colher no longo prazo os frutos da exposição midiática conseguida com o Mundial). Os feriados e paralisações provocadas pelos Jogos tiveram um impacto negativo na produção industrial e na economia como um todo, sendo responsabilizados pelo próprio governo pela queda de 0,6% do PIB no segundo semestre de 2014.

O que esperar, então, de uma Olimpíada, que, ao que tudo indica, ocorreu em um momento ainda mais delicado para a economia brasileira?

Ao que tudo indicava o fluxo de turistas de muitas cidades-sede de Copas ou Olimpíadas teriam registrado quedas, uma vez que turistas tradicionais e corporativos costumam evitar esses destinos durante as competições.

Relativamente ao rendimento médio do trabalho (em reais), houve um incremento real de 16,15% na cidade do Rio de Janeiro entre o primeiro trimestre de 2012 e o segundo de 2016, véspera dos jogos. Mesmo sofrendo uma queda de 4,35% após o evento e mantendo-se nesse patamar nos trimestres seguintes, superou em 11,1% o rendimento do primeiro trimestre de 2012. No Brasil e na região Sudeste, o ganho real foi notadamente inferior: 1,19% e 4,03%, respectivamente. Na cidade de São Paulo, o aumento foi de 8,77%, cerca de metade daquele do Rio. Já em Salvador, observou-se considerável perda de rendimento, 12,13%, sendo apenas Vitória a capital que mais se aproximou do Rio, mas com desempenho ligeiramente inferior: 15,73%. (ROCHA, 2018: p.09)

Em resumo, as comparações de desempenho de indicadores do mercado de trabalho do município do Rio e de outros entes sinalizam que a preparação e a realização dos Jogos Olímpicos dinamizaram sobremaneira a economia da cidade, mediante a influência de investimentos na construção civil e gastos com a operação e a logística dos jogos e com o turismo, atenuando e retardando os efeitos da crise econômica vivida no país como um todo durante aqueles anos.

É bem importante notar que, mesmo antes de se ter conhecimento desses possíveis acontecimentos, a preparação para a escolha da cidade sede de um megaevento é feita de maneira a seguir uma série de diretrizes estabelecidas pelo COI, como nosso objetivo aqui não é detalhar esse método de escolha, mas sim deixar de maneira clara seu objetivo e como isso também impacta na realização e planejamento do evento.

Um dos primeiros fatores externos que podemos citar a respeito da realização dos jogos é sua adequação ao que pode ser chamado de “Modelo de Barcelona.”

Dentre as experiências de realização de eventos de tal magnitude, os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, têm sido uma referência obrigatória para pensar tanto os impactos que esses eventos podem ter para as cidades organizadoras, quanto para sua projeção em nível internacional. Desse modo, o “modelo Barcelona”, como passou a ser conhecido, tem servido de inspiração primeira para os grandes acontecimentos esportivos que terão lugar no Rio de Janeiro, orientando as propostas de planejadores urbanos e arquitetos para sua transformação em “cidade olímpica”. (CUNHA, 2013: p.325)

O modelo sugere que o capital financeiro e imobiliário, assim como as indústrias de turismo e entretenimento, encontrou uma enorme fonte de especulação e enriquecimento na área urbana quando foram reconhecidos como cidadãos, graças a uma excelente estratégia de marketing. ou cidades comerciais.

Devemos olhar para a experiência de Barcelona com bastante cuidado e atenção, já que dela não nos aproximamos apenas pela natureza dos projetos que aqui estão sendo implementados, mas também, e sobretudo, por alguns de seus efeitos e consequências já perceptíveis. (CUNHA, 2013: p.330)

Certamente que a realização de tais eventos coloca a possibilidade de desenvolvimento urbano e construção de uma agenda que leve em consideração processos de transformação democrática da cidade.

Neste sentido, a sociedade carioca não deveria permitir que a realização da Copa do Mundo, em 2014, e dos Jogos Olímpicos, em 2016, servisse apenas de marketing urbano, favorecendo exclusivamente os grandes empreendimentos e interesses privados, em detrimento da discussão em torno do significado mais amplo e democrático do espaço público.

Ao contrário, deveriam ter exigido que aquela fosse uma oportunidade de realização de importantes direitos urbanos e de reconquista da cidade como espaço da cidadania.

De fato, não só de modelos tradicionais ou de históricos já feitos, o planejamento para os Jogos Olímpicos foi embasado, algumas alterações legislativas internas também tiveram que ser feitas para que tal evento acontecesse, pois ainda precisávamos estar alinhados com o que havíamos firmado na época da escolha do Brasil, pelo COI, como país sede.

A primeira foi criada "com o objetivo de garantir a candidatura da cidade do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 e estabelecer regras específicas para sua realização". Sendo sancionada no dia 1º de outubro de 2009, essa lei

teve sua aplicação condicionada à vitória da postulação carioca no processo de escolha levado a efeito pelo COI para a definição da cidade que recepcionaria os Jogos de 2016, que chegaria a termo no dia seguinte à sua sanção.

A segunda, estabeleceu, entre outras, regras especiais para a realização da Copa das Confederações FIFA 2013 e a Copa do Mundo FIFA 2014. Ao contrário do Ato Olímpico, que ficou conhecida como Lei Geral da Copa, ela foi promulgada depois que o Brasil foi selecionado para sediar eventos da FIFA.

Estes foram algumas influências externas e internas que colaboraram para que o Brasil pudesse ter um planejamento para os Jogos Olímpicos de 2016 bem-sucedido.

O evento mais grandioso que foi realizado no parque dos Jogos foi o festival musical Rock in Rio, em 2019. E hoje somente dois espaços criados para os torneios continuam pertencendo à Prefeitura do Rio: a Vila Olímpica e a Arena Carioca 3, cujo projeto de futuro passava por se transformar em uma escola, o que ainda não ocorreu. Todos os demais recintos foram transferidos ao setor privado e a outras instâncias públicas.

Uma simples comparação do desempenho econômico do município do Rio de Janeiro com o do restante do país ou de outras Unidades da Federação isoladamente durante o período de tratamento (2012-2015) pode não refletir o impacto dos Jogos Rio 2016 no município do Rio de Janeiro, outras diferenças pré-jogos que afetaram o crescimento econômico subsequente poderiam estar por trás de eventuais gaps entre os PIBs per capita dessas unidades. Por esse motivo, utilizando o método do controle sintético, adotamos como unidade de comparação uma combinação ponderada dos outros quinze municípios brasileiros com mais de 1 milhão de habitantes.⁶ O Rio sintético – ou o contrafactual – será então uma versão ponderada desses quinze municípios, levando em conta o comportamento de suas variáveis de interesse e de controle no período de pré-tratamento (2002-2011). (ROCHA, 2018: p.13)

CAPITULO I – O PLANEJAMENTO COMO BASE DA REALIZAÇÃO

Neste capítulo será discutido toda a articulação envolvida, desde o planejamento para o processo de seleção, o motivo pelo qual é vantajoso para cidades de todo o território mundial sediarem megaeventos, como atração turística, mobilidade urbana e infraestrutura, passando também pelos modelos de base usados em experiências anteriores, e que foram eficazes em seus resultados posteriores.

1.1 O PLANEJAMENTO

O patrocínio de eventos foi uma das principais estratégias utilizadas pelos líderes da cidade em sua busca para atrair mais capital. Esses eventos podem ser de diversas naturezas e são organizados por diferentes entidades e instituições que realizam as mais diversas atividades da sociedade. Gestores corporativos favorecem eventos com dimensão internacional, pois tais eventos podem dar à cidade-sede uma imagem mais qualificada. Além disso, eventos internacionais podem atrair turistas com alto poder aquisitivo, prontos para consumir serviços e bens vendidos localmente. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Para sediar esses eventos, a cidade-sede deve ter algumas facilidades diretamente relacionadas ao evento em si, como equipamentos culturais e infraestrutura de transporte adequada que permita a movimentação dos participantes do evento ao centro de convenções e hotéis. No quesito transporte, a proximidade com os aeroportos se destaca entre as demais categorias, proporcionando viagens rápidas e seguras entre os principais pontos de transporte para os participantes do evento. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Como base de análise, darei um exemplo da celebração dos Jogos Olímpicos, mais especificamente, Rio 2016. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

O ordenamento urbano promovido em virtude dos Jogos pode ser voltado para a recuperação de áreas degradadas, como relata Ester Limonad (2005) a respeito das intervenções em Barcelona:

Em 1992, Barcelona abrigou os Jogos Olímpicos, que implicaram diversas intervenções e na construção do Port Olímpic na área de Parc de Mar – com a intenção precípua de recuperar áreas industriais degradadas da cidade contíguas à orla litorânea do Mediterrâneo. (LIMONAD, 2005, p.7)

É cada vez mais frequente a realização de grandes intervenções urbanas com diferentes dimensões e impactos sobre os territórios. É um fenômeno relacionado à

globalização e novas ordens relacionadas à redefinição da posição dos líderes das cidades. As mudanças espaciais estão acontecendo cada vez mais rapidamente e com mudanças regionais, que dão novos significados aos governos, empresas e cidadãos, especialmente nos países da Europa Central. Novos campos são formados pelo movimento dos envolvidos na hegemonia dos processos decisórios que investem em projetos urbanos. Nesse contexto, os megaeventos esportivos podem ser considerados como grandes projetos urbanos (GPUs) que impulsionam o planejamento espacial das cidades-sede. (RAEDER, 2010)

Os GPUs não se limitam apenas às grandes obras emblemáticas, eles são também grandes operações urbanas que muitas vezes se apresentam na forma de programas de intervenção por meio de um conjunto de ações urbanas de nível intermediário, que por sua integração promovem um profundo impacto no desenvolvimento de uma cidade. (RAEDER, 2010, p.3)

A governança das cidades, a partir de uma postura empresarial, exige que os gestores públicos adotem Planos Estratégicos compostos por ações que enfatizem a competitividade entre as cidades, ou seja a produtividade, competitividade e subordinação dos fins à lógica do mercado, são as premissas desse estilo de governança. Nesse sentido, esse tipo de gestão urbana transforma seus projetos em produtos e serviços para tornar as cidades atrativas para os investidores. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

A governança da cidade do Rio orientada pelo planejamento estratégico teve início a partir da década de 1990, quando as políticas neoliberais em nível municipal se tornaram evidentes a partir do acordo firmado no primeiro ano de gestão do prefeito César Maia, em 1993, entre a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, a Associação Comercial (ACRJ) e a Federação das Indústrias (Firjan) para a elaboração e promoção do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro (PECRJ). O Consórcio Mantenedor do PECRJ, oficialmente conhecido como Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, foi criado em 1994 para garantir o financiamento dos projetos desenvolvidos no plano, conhecido por seu slogan "Rio Sempre Rio". O objetivo do consórcio formado por 46 empresas, associações, entidades comerciais e participantes do setor público foi elaborar um plano estratégico para o município, que visa promover o desenvolvimento local e restaurar a imagem da cidade. (FERNANDES, 2018)

Ainda em 1994 foi instaurado o Conselho da Cidade que, de acordo com Vainer (2000), reunia mais de 300 membros entre diversos agentes sociais, como poder público,

empresários, universidades, jornalistas e presença popular, está representada por poucos membros. Todavia, o papel do Conselho era o de homologar as decisões tomadas pelo Conselho Executivo em um processo pouco democrático: “a função do Conselho da Cidade é meramente simbólica” (VAINER, 2000, p. 109), sendo assim o Plano Estratégico acabou por substituir o Plano Diretor da Cidade. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Até o ano 2000 o Comitê Olímpico Internacional (COI) não enfatizava o planejamento dos legados Olímpicos em suas avaliações das cidades candidatas. Quando o COI instituiu o Estudo de Impacto dos Jogos Olímpicos (Olympic Games Impacts – OGI), os impactos dos JO/PO começaram a ser tratados de uma maneira mais cuidadosa e medidos em longo prazo. Os legados deixados por megaeventos, de uma forma geral, abrangem construções esportivas e de infraestrutura da cidade, compra de equipamentos esportivos, de segurança, telecomunicações, informática etc., ocupações de empregos temporários e/ou permanentes, abertura de novas possibilidades e oportunidades de trabalho especializado, promoção e realização de outros eventos, bem como o aumento da procura de práticas de atividades físicas por parte de população. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Tais benefícios deixados por um megaevento esportivo devem ser estendidos a toda a população. No entanto, para que isso ocorra, é preciso buscar uma forma de administrar os legados de modo que não atendam apenas às necessidades esportivas específicas e/ou aos interesses políticos, mas que envolvam a sociedade como um todo. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Dentro do marco analítico do planejamento estratégico, as políticas de promoção da imagem das cidades possuem uma função essencial. É a partir do marketing urbano, ou seja, da promoção dos projetos urbanísticos realizados que é feita a tentativa de construir um imaginário físico e social de cidades adequadas para esses propósitos competitivos. É a divulgação e a promoção dos espaços renovados que irão atrair os consumidores reais e potenciais e legitimar o novo projeto de cidade. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Nesse sentido, os Planos Estratégicos da cidade apresentaram iniciativas para efetivar esse posicionamento e atrair um fluxo maior de turistas. Como já mencionado, a iniciativa estratégica “Rio Capital do Turismo” foi estruturada em quatro pilares visando à melhoria do ambiente da cidade para essa atividade. São eles: i) investimentos em infraestrutura turística, melhoria na hospitalidade e sinalização turística; ii) campanhas de promoção da imagem da cidade; iii) definição do posicionamento estratégico do turismo na cidade e iv) ampliação da oferta de leitos de hotéis. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

No rol de estratégias de promoção da imagem da cidade, como prevê o segundo pilar e foco deste artigo, a Praça Mauá, que abriga dois novos equipamentos culturais – Museu de Arte do Rio (MAR) e Museu do Amanhã –, foi o local mais utilizado como imagem da renovação urbana. É mister ressaltar que o Museu do Amanhã é uma iniciativa da Prefeitura do Rio concebida e realizada em conjunto com a Fundação Roberto Marinho, ligada ao grupo Globo, grande corporação midiática, o que evidencia as coalizões entre gestão municipal e iniciativa privada, típicas do Planejamento Estratégico. O papel das mídias, ao estimular e incentivar os novos usos e consumos neste novo espaço simbólico, é determinante para engendrar o projeto de cidade renovada e, por isso, foi atribuído ao novo equipamento cultural tamanha visibilidade, tornando um espaço simbólico da cidade. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Outra estratégia de divulgação foi o concurso “Rio em Cartaz”, promovido pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade. A quarta edição (2015) promoveu a renovação urbana pelo tema “Centro para todos” incorporando, uma vez mais, os novos projetos de renovação como o Museu do Amanhã e o VLT na paisagem do centro. (FERNANDES, 2018, p. 10)

Durante o período dos Jogos, o city marketing ainda contribuiu para uma maior difusão da imagem da cidade a partir das transmissões das emissoras internacionais de televisão, onde a paisagem carioca ficou evidente, sobretudo a imagem que marcou o encerramento das Olimpíadas no Maracanã: o Cristo Redentor iluminado nas cores verde e amarelo de “braços abertos sobre a Guanabara”, como cantava Tom Jobim em seu *Samba do Avião* (FERNANDES, 2018, p. 10)

Megaeventos esportivos são conformados por inúmeros eventos que se estruturam em diferentes escalas nas quais produzem impactos distintos. Isso significa que tais eventos, encarados como GPUs, devem ser analisados em sua dimensão multiescalar. Retomada a discussão realizada por Souza (2006a) sobre as escalas geográficas, é possível constatar que a organização destes eventos tem atores e efeitos em praticamente todas as escalas. Por exemplo, no caso dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro 2007, é possível reconhecer atores e efeitos que vão desde a escala microlocal à escala global; desde a atuação da Prefeitura nos ajustes arquitetônicos dos equipamentos esportivos, até a veiculação de imagens da Cidade do Rio de Janeiro por agências de notícias em multifários países do mundo. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Com o fito de definir as categorias chave para a construção de uma tipologia que oriente a análise dos GEEs, serão realizadas aqui algumas considerações sobre os

principais marcos urbanos que caracterizam o ordenamento territorial vigente na implementação de tais eventos. Trata-se mesmo de reconhecer que alguns eventos são ordenados de tal forma a produzirem impactos com intensidades que denotam as intencionalidades dos agentes modeladores do espaço urbano. Sendo assim, foram identificadas como categorias chave destes impactos territoriais para a análise dos GEEs enquanto GPUs: as vilas dos atletas e de mídia, as estruturas de transporte, os reassentamentos de famílias e os equipamentos esportivos. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Para viabilizar a representação dos resultados das análises dos GEEs de maneira simplificada, foram estruturados quadros com variáveis socioespaciais numa perspectiva que considera a dimensão da desigualdade da distribuição dos recursos. Foi tomada como preocupação central na montagem deste esquema, a identificação de variações nos impactos promovidos nas cidades por diferentes GEEs. Trata-se de um recurso analítico que apresenta algum grau de simplificação considerando que as categorias podem ter um comportamento mais complexo do que aqueles definidos pelas variáveis escolhidas. Este grau de simplificação, no entanto, não é grande o suficiente para comprometer o recurso, que deve ser acompanhado de um detalhamento das categorias em estudo, a fim de ressaltar as especificidades de cada GEE enquadrado. Cabe ainda considerar que este quadro se refere-se só aos impactos dos GEEs, como inevitavelmente também remete aos legados dos Jogos. Desta forma, algumas análises realizadas nesta seção que trata eminentemente dos impactos, também abordarão aspectos dos legados quando for cabível tal colocação. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Como recurso ilustrativo das fases de implementação dos Jogos, foi esboçado o diagrama abaixo. Cada um dos estágios representados (candidatura, preparação, jogos e legados) tem especificidades que merecem ser detalhadas com o fito de aprofundar a compreensão sobre o objeto empírico em análise. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Na primeira fase, a da candidatura, há muitas expectativas sobre as intervenções que serão realizadas na Cidade. Muitas vezes estas expectativas ofuscam o planejamento das transformações urbanas que é consolidado nos Cadernos de Encargos. Estes Cadernos funcionam como contratos com as organizações responsáveis pelos Jogos (FIFA, COI, ODEPA etc) que registram as decisões locacionais delineadas por grupos seletos. A oficialização das candidaturas ocorre em períodos entre 2 e 4 anos, todavia já se observa anúncios na imprensa de candidaturas para os Jogos Olímpicos de Verão de 2020 e, até mesmo, para os de Inverno em 2022. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

FIGURA 1: FASE DE IMPLANTAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS



Fonte: RAEDER (2010)

Quanto à etapa da preparação, esta compreende o período entre a escolha da cidade que sediará os Jogos, pelo Comitê responsável, e o início das atividades esportivas do evento. O período desta fase varia entre 5 e 7 anos que antecedem o megaevento, podendo ser um tempo menos extenso para eventos com níveis de complexidade inferiores. É nessa etapa que as intervenções necessárias para a realização do evento ocorrem, com obras de reforma ou construção de arenas esportivas, vilas de atletas e de mídia, bem como de estruturas de transporte. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

A fase dos Jogos é a mais efêmera de todas, contudo é em razão dela que todas as outras existem. Trata-se da fase realização do megaevento propriamente dito com as competições esportivas ocorrendo nas arenas preparadas na fase anterior. Com duração que pode variar entre 15 e 60 dias, esta etapa é caracterizada por uma visibilidade intensa da cidade sede dos Jogos. Essa etapa marca data limite para que todas as intervenções planejadas e executadas estejam finalizadas, essa é uma característica que distingue as políticas públicas realizadas em função dos megaeventos das demais. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Muito anunciada pelos organizadores dos Jogos com o intuito de legitimá-los junto aos cidadãos, a fase dos legados tem duração indefinida. Todo o conjunto de intervenções permanentes realizadas em função dos Jogos e, após o término destes, apropriada de diferentes maneiras pelos cidadãos. Como legados mais significativos para a Cidade se destacam as estruturas de transporte, dentre as quais se exemplifica: a ampliação de aeroportos, construção de novas vias, ampliação da rede metroviária. Novos usos e processos são inaugurados nas arenas e vilas implantadas na malha urbana. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

Demonstrar a oportunidade de sediar megaeventos esportivos é muito importante, pois pode representar a promoção de transformações urbanas significativas. Tais eventos se apresentam com frequência cada vez maior enquanto grandes projetos de desenvolvimento urbano. É possível reconhecer nos discursos dos planejadores urbanos dos Jogos Olímpicos de Vancouver 2010, Londres 2012 e Rio 2016 a preocupação com a geração de legados duradouros para as cidades sedes. Tais legados se materializam a partir de intervenções urbanas planejadas na perspectiva de superar os desafios postos para cada uma das cidades. É neste sentido que se pode afirmar que os Jogos devem estar a serviço das cidades sedes, sendo a realização destes uma oportunidade de mobilizar vultosos recursos que poderão beneficiar amplamente os cidadãos. (RAEDER, 2010, p. 1-12)

1.2 ATRAÇÃO TURÍSTICA

O segmento de turismo de eventos da gestão do turismo pode incentivar a disseminação de estratégias que possam atrair altas demandas de turistas e evitar a sazonalidade.

Em outras palavras, é necessário analisar como a produção de megaeventos relacionados às relações internacionais poderia promover a imagem dos países que os acolhem e aumentar a atratividade turística internacional. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

A inscrição e promoção de megaeventos como a Copa do Mundo da FIFA (Fédération Internationale de Football Association), que é usada como exemplo em todo o jornal, traz benefícios econômicos e sociais aos países e cidades participantes. Desta forma, os investimentos tornam-se uma importante oportunidade para acelerar o desenvolvimento da área de turismo de eventos. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Entre os segmentos desenvolvidos, esse tipo de turismo é o mais controverso em qualquer país, pois os produtos turísticos são vendidos a granel nesse contexto. Passagens

aéreas, passagens de ônibus, preços de hotéis, refeições, souvenirs e serviços geralmente são muito consumidos. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Grande importância para o local que o desenvolve, que ainda possui um vasto campo de pesquisa, pois promove o desenvolvimento socioeconômico local, promove a geração de empregos diretos e indiretos, renda, promove o intercâmbio entre as pessoas e traz novos investimentos. a necessidade de criar uma infraestrutura que beneficie não só os turistas, mas também a comunidade anfitriã. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Dessa forma, os megaeventos se posicionam diante do mercado como uma importante ferramenta de marketing que tem a capacidade de mudar comportamentos e influenciar escolhas e que permeia todas as atividades socioeconômicas. Além de estar intensamente envolvido na promoção do local e das atrações e recursos naturais, culturais e artificiais da região. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Para o turismo, este é um grande negócio e uma oportunidade de desenvolvimento. Em um ambiente globalizado, onde as distâncias parecem estar diminuindo sob a influência de fatores tecnológicos, políticos, econômicos e culturais, os megaeventos podem se tornar uma espécie de “chefe” para a cidade ou país que os organiza. aspectos positivos e torná-los conhecidos internacionalmente. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

O impacto econômico dos eventos esportivos, por outro lado, é evidente apenas quando ocorrem, pois o evento costuma exigir inúmeros investimentos preliminares, como a construção de um estádio, equipamentos e instalações esportivas. o aumento do número de residências e restaurantes, centros de entretenimento e lazer, a reorganização dos acessos e circulação de meios de transporte etc. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

No entanto, percebe-se que, por exemplo, gastos para melhorar a infraestrutura da cidade do local geram empregos e, com isso, aumentam a renda, o que aumenta a riqueza nacional antes e depois da abertura dos eventos. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Nos resultados da política de desenvolvimento, vários critérios devem ser considerados para não causar danos ao local e à comunidade existente, a tarefa dos locais que organizam megaeventos esportivos é complexa, o que requer planejamento e implementação. no contexto de requisitos rígidos, que incluem: falta de flexibilidade nos principais objetivos da programação do evento; todos os projetos de construção (instalações e arenas esportivas, vila dos atletas e todas as infraestruturas e projetos adicionais, como novos hotéis, hospitais e instalações de entretenimento) devem ser concluídos antes dos eventos; todos os aspectos do planejamento, preparação e hospedagem do evento recebem muita atenção da mídia local e internacional. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Cidades e países que sediam grandes eventos esportivos internacionais assumem compromissos financeiros significativos com projetos de investimento de capital que devem ser planejados, financiados e concluídos dentro de um prazo fixo e inflexível. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

O financiamento de grandes eventos esportivos e infraestrutura relacionada é um empreendimento que exige grandes investimentos de capital que muitas vezes excedem os orçamentos governamentais. Como resultado, muitos desses tipos de projetos envolvem iniciativas de financiamento público-privadas que redistribuem alguns dos custos financeiros e da responsabilidade pela gestão dos projetos e riscos associados para garantir que o país anfitrião possa gerenciar o escopo do projeto de forma eficaz e segura. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Segundo o site da FIFA, a Copa do Mundo da FIFA é a maior competição internacional de um único esporte e apresenta as melhores equipes masculinas das 208 confederações membros. Afirma que a competição é disputada a cada quatro anos desde 1930, com exceção de 192 e 196, quando não foi disputada devido à Segunda Guerra Mundial. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Ele cumpre os objetivos da FIFA de aumentar a conscientização em todo o mundo, desenvolver o esporte e construir um futuro melhor de muitas maneiras diferentes. Mesmo como está, a competição tem 32 equipes disputando o título de país anfitrião (ou países anfitriões) durante um período de cerca de um mês. Os torneios de qualificação são realizados durante os três anos anteriores para determinar os países que se qualificam para o torneio e competem ao lado do país anfitrião (ou países anfitriões). A Copa do Mundo de Futebol é o evento esportivo mais assistido do mundo. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

De acordo com isso, cerca de 715,1 milhões de pessoas assistiram à final da Copa do Mundo de 2006 na Alemanha. Que o evento na África do Sul (2010) foi transmitido para 20 países em 25 canais diferentes. E os estádios atraíram 3.170.856 espectadores para as 6 partidas, uma média de 9.670 por jogo, o terceiro maior público atrás de EUA 199 e Alemanha 2006. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Além disso, mais de seis milhões de pessoas assistiram simultaneamente a eventos em telões em 16 locais ao redor do mundo: dez na África do Sul e outros em Roma, Paris, Berlim, Sydney, Cidade do México e Rio de Janeiro. Alegadamente, 177.853 selos de creditação foram impressos na última Copa do Mundo da FIFA. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Além disso, o programa de hospitalidade atraiu quase 250.000 convidados. Por sua vez, foram vendidos mais de 750.000 litros de cerveja no estádio e 390.600 cachorros-quentes foram vendidos em locais abertos ao público, muitos deles para os 500.000 estrangeiros que visitaram a África do Sul. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Tanto as qualificações quanto a própria competição promovem intensamente o futebol e os países-sede. Portanto, eles oferecem oportunidades significativas para espalhar respeito, jogo limpo e disciplina. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Em linha com as tendências internacionais, o Brasil sediou megaeventos continentais nos últimos anos, com destaque para os Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, e está entre um número limitado de países líderes que sediam grandes eventos globais. a Copa do Mundo de Futebol 201 e as Olimpíadas 2016. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Dirigentes emitiram notas com relatos positivos sobre as políticas nacionais de turismo, afirmando-se satisfeitos com o número de turistas estrangeiros, cerca de 700 mil, que superou as expectativas. Números publicados na revista Belo Horizonte mostravam 355.000 turistas, sendo 200.000 estrangeiros. Em outros dados, após os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, o Ministério do Turismo anunciou que o Brasil registrou um número recorde de turistas estrangeiros em 2016, com 6,6 milhões de visitantes, um aumento de ,8% em relação a 2015, destacando os aspectos positivos do Brasil. organizou o evento. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Antes da Copa do Mundo de 2014, a promoção das cidades-sede era um tema comum entre os organizadores do megaevento esportivo. No caso da cidade de Belo Horizonte, procurou-se dar a conhecer a capital e posicioná-la como uma cidade global capaz de atrair investimentos e novos fluxos turísticos. No entanto, os resultados após a Copa do Mundo mostram que o número de chegadas internacionais permanece no nível de 2010. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Os turistas sul-americanos, especialmente nossos vizinhos argentinos, são a cidade mais valiosa de Belo Horizonte porque são importantes no desenvolvimento de novas pesquisas científicas . que aprofundam suas investigações sobre os motivos que os levam à capital mineira. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

O setor hoteleiro da cidade passou por uma grave crise após a Copa do Mundo FIFA 201 devido ao excesso de oferta de leitos e sofreu perdas financeiras, agravadas pela crise política e financeira do país. Embora a cidade tenha se organizado para captar

o megaevento global, o negócio do turismo questiona a fragilidade de atrair eventos internacionais para a cidade. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

Por fim, os eventos posteriores à Copa do Mundo FIFA 2014 exigem um novo estudo para informar a demanda turística na cidade de Belo Horizonte. Dentre tais eventos, é importante destacar o carnaval, que se tornou o principal evento turístico da cidade, o que mostra que os eventos domésticos criados pela criatividade dos moradores são mais eficazes e têm maiores potencial de compartilhamento de receitas do que os megaeventos da empresa de entidades globais. (ALBERINI, 2014, p. 65-75)

1.3 MODELOS DE BASE

As transformações urbanas atualmente em curso na cidade do Rio de Janeiro, motivadas particularmente pela realização da Copa do Mundo, em 2014, e dos Jogos Olímpicos, em 2016, têm provocado intenso debate e polêmica entre distintos setores da sociedade carioca. Acadêmicos, técnicos e gestores públicos, representantes da sociedade civil, organizações do terceiro setor, entre outros atores políticos, têm constituído importante arena pública em torno das propostas e ações do estado e do município, visando à preparação da cidade para a realização dos referidos megaeventos. O que está em questão, nesse contexto, é a percepção de que essa pode ser uma importante ocasião para uma discussão mais ampla sobre o legado social que esses eventos podem deixar para cidade, especialmente no que concerne às transformações sociais e à promoção de direitos urbanos fundamentais. (VIANA, 2019, p. 80-97)

Dentre as experiências de realização de eventos de tal magnitude, os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, têm sido uma referência obrigatória para pensar tanto os impactos que esses eventos podem ter para as cidades organizadoras, quanto para sua projeção em nível internacional. Desse modo, o “modelo Barcelona”, como passou a ser conhecido, tem servido de inspiração primeira para os grandes acontecimentos esportivos que terão lugar no Rio de Janeiro, orientando as propostas de planejadores urbanos e arquitetos para sua transformação em “cidade olímpica”. (VIANA, 2019, p. 80-97)

A padronização de instalações como estratégia para atrair investimentos privados também é utilizada para promover megaeventos. No Brasil, megaeventos esportivos têm sido organizados em conexão com grandes projetos urbanos, ou reformas urbanas, que estão relacionados a projetos de renovação urbana. A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e em alguns outros países, se destacam por sua escala e impacto no ambiente urbano. (VIANA, 2019, p. 80-97)

Esse entendimento fica mais claro ao analisar os orçamentos públicos e privados disponíveis para a execução das obras. A mudança urbana tem várias dimensões. Os parques esportivos necessários para sediar os jogos representam exatamente o que é necessário para justificar toda a mudança socioespacial provocada pelos megaeventos. A reprodução de modelos urbanos trata principalmente de viabilizar uma estratégia de marketing baseada na apropriação do valor fundiário das áreas urbanas. Talvez o exemplo mais notável na literatura de difusão de modelos seja a renovação urbana na cidade de Barcelona, Espanha. A cidade catalã tornou-se um modelo para grandes reformas urbanas, principalmente quando se trata de sediar as Olimpíadas. (VIANA, 2019, p. 80-97)

A experiência do Barcelona ficou conhecida principalmente pelos resultados financeiros alcançados. As intervenções urbanas realizadas na cidade continuam sendo divulgadas e conhecidas como o “modelo Barcelona”. No entanto, este projeto de cidade, largamente assente numa estratégia de turismo-negócio, foi alvo de críticas, muitas das quais advindas do “urbanismo espetacular” (isto é, centrado no marketing das cidades), cuja prioridade é o trabalho de impacto e visibilidade. , deixando as necessidades sociais em segundo plano. (VIANA, 2019, p. 80-97)

O principal objetivo do método de transformação urbana da cidade era fortalecer a competitividade internacional por meio de investimentos em infraestrutura e parcerias público-privadas. Assim, os problemas sociais seriam melhorados e/ou mitigados pelo crescimento da atividade econômica, muitas vezes referida como mercado. A melhor solução para os problemas das cidades seria equipar as cidades com eficiência competitiva como empresa. Para que essa racionalidade seja lucrativa, é preciso introduzir mecanismos de gestão inspirados nas melhores práticas, especialmente aquelas utilizadas no ambiente de negócios públicos com o setor privado, concessões claras à liberdade econômica, compreensíveis à prática neoliberal - baseada nas linhas do livre mercado - representando a terminologia do laissez-faire (deixe fazer). Uso crescente de modelos urbanos inspirados na experiência de Barcelona, difundidos por organizações colaborativas em todo o mundo. (VIANA, 2019, p. 80-97)

Além de copiar modelos e práticas de governança, a ideologia política e econômica associada aos conceitos de intervenção urbana é estritamente neoliberal porque assume o livre mercado como procedimento norteador das estratégias de intervenção urbana. (VIANA, 2019, p. 80-97)

A repetição de um modelo como foco não pode ser justificada mesmo que os objetivos sejam os mesmos, pois isso significaria situações e complexidade idênticas.

Quando se trata de políticas públicas, a adoção dos modelos torna-se ainda mais difícil, principalmente quando se considera os fatores que podem influenciar e, por vezes, definir a agenda política. Assim, partindo da hipótese de que a cópia de modelos urbanos, especialmente a experiência de Barcelona, é incentivada e difundida em outros contextos e lugares, a experiência da cidade do Rio de Janeiro na realização dos Jogos Olímpicos de 2016 Sabe-se que a promoção de megaeventos mundialmente reconhecidos geralmente se baseia em formatos e procedimentos padronizados para sua implementação. (VIANA, 2019, p. 80-97)

No entanto, no caso de Olímpia, o chamado patrimônio urbano foi questionado por meio de preconceitos baseados em experiências consideradas exitosas. Assim, o COI é analisado como uma organização capaz de influenciar as formas e o conteúdo das políticas públicas nas cidades por meio das quais seus eventos acontecem. adotar modelos urbanos voltados para interesses privados, especialmente grandes empreendedores públicos que também atuam no setor especulativo do mercado imobiliário. (VIANA, 2019, p. 80-97)

Repete-se que essa estratégia dificulta a permanência da população pobre em seu local de residência quando o status de beneficiário aumenta. Graças a essa ideia quimérica de sucesso, a população pobre tende a sair do espaço urbano, que se beneficia da organização de eventos. Em vários contextos, a remoção de um grande número de famílias ocorre em nome de necessidades urbanas antecipadas relacionadas ao desenvolvimento urbano. (VIANA, 2019, p. 80-97)

Embora os dados nem sempre coincidam, o Comitê Popular da Copa do Mundo estima que cerca de 170 mil famílias foram obrigadas a deixar suas casas por conta de obras relacionadas à construção de estádios de futebol. O argumento costuma ser o mesmo, aquele que mostra a necessidade de desenvolver a região Paradoxalmente, todas as mudanças vêm da retórica do desenvolvimento urbano. Resta saber qual conceito de desenvolvimento se relaciona com o modelo de cidade relacionado aos megaeventos. (VIANA, 2019, p. 80-97)

A estratégia legitimadora das intervenções urbanas a pretexto do desenvolvimento econômico e social, que se baseia em investimentos de capital privado no espaço urbano, destaca a prática desenvolvimentista ligada à teoria econômica neoclássica, onde o desenvolvimento se baseia em uma perspectiva unilateral, em outras . palavras, exclusivamente participantes da atividade econômica. Nesse sentido, a especulação imobiliária torna-se um guia para as intervenções públicas no espaço urbano. Estudos econométricos que

justificam investimentos em determinadas regiões e locais geralmente não levam em conta as exigências sociais, o que cria um processo de gentrificação que aumenta a vulnerabilidade dos segmentos mais pobres da população. (VIANA, 2019, p. 80-97)

A uniformização das intervenções urbanas destinadas a atrair investimento nas cidades, que na verdade esconde a estratégia de venda do espaço urbano a determinados grupos de interesse, representa sobretudo uma estratégia adotada por várias cidades do mundo: Paris, Barcelona, Bilbao, Lisboa, em Berlim, entre outros. Esses são exemplos de cidades que em algum momento de sua história - em diferentes épocas e circunstâncias - obtiveram algum sucesso em suas estratégias para atender aos interesses do mercado global. (VIANA, 2019, p. 80-97)

No entanto, em países de capitalismo tardio como o Brasil, a repetição desses padrões contribui para a perpetuação do subdesenvolvimento tanto quanto agrava a exclusão social e fragiliza as condições de vida das classes desfavorecidas. (VIANA, 2019, p. 80-97)

Daí seu caráter conservador. O chamado "patrimônio" das cidades corresponde em grande parte a mudanças urbanas que pouco têm a ver com o evento. Além disso, quando se observou certa padronização das políticas públicas urbanas, observou-se mais claramente os interesses econômicos dos grandes grupos envolvidos no processo. (VIANA, 2019, p. 80-97)

O modelo Barcelona destaca-se como referência em vários aspectos. O primeiro, e talvez o mais importante, é o incentivo ao fortalecimento das parcerias público-privadas nas políticas públicas. Essa tendência enfatiza a importância dos empreendedores do setor privado nas políticas públicas e os torna vulneráveis à sua influência e interesses. Identifica as parcerias público-privadas, especialmente para megaeventos, como uma das formas de privatização da cidade, ou seja, a privatização dos espaços públicos e o fortalecimento das estratégias de valorização imobiliária. (VIANA, 2019, p. 80-97)

Finalmente, as estratégias de planejamento urbano relacionadas aos megaeventos parecem diretamente relacionadas ao conceito de cidade comercial, fortemente baseado em ideias (neo)liberais. (VIANA, 2019, p. 80-97)

CAPITULO II – A INFLUÊNCIA EXTERNA E INTERNA NA EXECUÇÃO

O segundo capítulo se dá por investigar toda a influência externa e interna na execução dos megaeventos realizados no Brasil, sendo mais especificamente, as Olimpíadas no Rio de 2016. Proporcionando um maior entendimento se as influências tiveram consequências ruins ou boas para a sociedade brasileira.

2.1 A EXECUÇÃO

Como pode ser visto no capítulo 1, uma das principais influências já foi Barcelona como exemplo no planejamento de todos os Jogos Olímpicos, mas antes de nos aprofundarmos no assunto devemos considerar as experiências anteriores do Brasil, como Jogos Pan 2007.

Os Jogos Americanos no Rio de Janeiro. A diferença dos custos diretos olímpicos em relação aos Jogos Pan-Americanos anteriores: R\$ 28,9 bilhões vs. US\$ 3,7 bilhões, o que significa que o evento de 2016 custará quase 8 vezes mais que o Pan. (OLIVEIRA, 2011, p. 1-19)

É claro que são necessários maiores esforços políticos fiscais em todos os níveis de governo, ressalta-se a importância do monitoramento dos recursos públicos, e os benefícios disso são considerados. (OLIVEIRA, 2011, p. 1-19)

Em ambos os casos, fica claro que a realização de megaeventos só é possível com um aporte decisivo de recursos públicos. Embora a participação do capital privado tenha aumentado significativamente entre Paan e Olimpia (de 9,1% para 28,6% respectivamente), esses números escondem nuances notáveis. No Pan, o crescimento do capital privado foi quase zero, apenas R\$ 15 milhões. Outros 189 milhões de rublos foram gastos na construção da Vila Panamericana, cujos apartamentos foram financiados com juros de longo prazo (TJLP). Essa taxa de juros abaixo do normal no mercado imobiliário pode ser o motivo do sucesso da venda da empresa. (OLIVEIRA, 2011, p. 1-19)

Dois novos projetos foram planejados para as Olimpíadas, Vila de Mídia e Vila Olímpica, totalizando R\$ 2,5 bilhões. Ambos dependiam de recursos públicos da Caixa Econômica Federal. A comparação desses projetos não pode ir além dos números dos projetos, pois as informações sobre as condições financeiras dos projetos não foram detalhadas nos documentos de candidatura dos Jogos Olímpicos. Enquanto a responsabilidade do Pan 2007 mostrou a falta de patrimônio da cidade, na documentação das

Olimpíadas, os órgãos governamentais parecem estar focados em mostrar o contrário. (OLIVEIRA, 2011, p. 1-19)

A lista de investimentos permanentes cresceu e se diversificou para incluir áreas como saúde, educação e transporte, além de um instigante "patrimônio urbano" que não foi descrito no documento. A falta de informações precisas impede um estudo aprofundado dos projetos urbanos relacionados aos Jogos Olímpicos, pois as informações divulgadas na imprensa são, em sua maioria, apenas fragmentárias. Apesar disso, há indícios conflitantes de que alguns projetos diretamente relacionados aos Jogos Olímpicos serão integrados à carteira de investimentos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). (OLIVEIRA, 2011, p. 1-19)

Se essa hipótese fosse confirmada, não haveria motivos para a realização dos Jogos de 2016, pois tais investimentos já estariam nas propostas do governo. Os gastos previstos para as Olimpíadas de 2016 mantiveram o foco na Barra da Tijuca e abriram uma nova frente para a área central do Rio de Janeiro, a partir da revitalização da área portuária. (OLIVEIRA, 2011, p. 1-19)

No entanto, a expansão da escala espacial e financeira do mercado imobiliário potencial parece ser nova. No entorno da Barra da Tijuca, o projeto aprovado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro alterou os parâmetros urbanísticos do bairro de Vargem Grande e ampliou a possibilidade de busca de imóveis em uma área bastante vulnerável.

Na área portuária, a prefeitura parece ter conseguido implementar o projeto de revitalização proposto para a área há mais de dez anos. Para viabilizar o projeto da zona portuária, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro pressionou o COI (Comitê Olímpico Internacional) a realocar a mídia e parte das atividades esportivas na Barra da Tijuca, conforme solicitado pela petição. área portuária Em resumo, os dados disponíveis sobre a organização dos Jogos Olímpicos de 2016 não indicam diferenças significativas na organização de megaeventos no Brasil ou no exterior. No entanto, dado o grande conjunto de recursos públicos, é importante comparar o impacto dos megaeventos com as estratégias de crescimento econômico de outros governos. (OLIVEIRA, 2011, p. 1-19)

2.2 ESTRATÉGIA

Os governos são responsáveis por manter a ordem em locais públicos, como parques, praças e ruas. Assim, regulamentam o que está relacionado com o treino desportivo, determinando através de leis e regulamentos quando e em que condições este pode ocorrer em espaços e equipamentos públicos. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

A responsabilidade do Estado pela segurança pública aumenta durante os megaeventos esportivos, pois de acordo com a abrangência do evento, há risco de ataques terroristas, manifestações e ações públicas e nacionais. Durante a Copa das Confederações da FIFA realizada no Brasil em junho de 2013, o Brasil também enfrentou uma série de protestos que ameaçavam a segurança pública e, conseqüentemente, a imagem do país. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

A situação exigia que os governos atuantes em diversos campos agissem rapidamente para garantir a ordem e preservar a imagem do país, tendo em vista que a mídia internacional cobriu os acontecimentos ocorridos no Brasil durante a Copa do Mundo. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

Megaeventos ampliam a visibilidade internacional do país e a ordem e segurança públicas tornam-se aspectos que afetam a imagem e a “capacidade” do país de organizar um evento organizado e pacífico. Em outras palavras, a imagem e as capacidades dos governos são apresentadas em questões de segurança e ordem pública. Nesse sentido, os governos investem fortemente na segurança pública. O governo também pode atuar no campo da saúde pública, não apenas na segurança, o que, segundo eles, pode ajudar a reduzir os custos clínicos. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

O megaevento esportivo é visto como um catalisador para esse objetivo. Essa crença pode ser vista, por exemplo, na promessa do governo londrino, onde afirmou que um dos legados das Olimpíadas de 2012 será a maior participação da população na atividade física. O país lançou uma série de medidas para promover a atividade física em diferentes espaços como escolas, centros comunitários e espaços públicos. No entanto, os resultados não atenderam às expectativas, pois a taxa de participação da população em atividade física aumentou de 1º de maio de 2006 a 2012. Pois, segundo pesquisas, ainda não há evidências suficientes para mostrar qualquer relação entre o aumento da atividade física e a ocorrência de megaeventos esportivos. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

Aliás, é um dos legados prometidos dos Jogos de 2016, que veremos mais adiante. É dever do Estado garantir a possibilidade de locomoção a todos os cidadãos. Eventos gigantes seriam uma oportunidade para promover políticas públicas que tornariam isso possível. No entanto, como mencionado anteriormente, a agenda política durante os megaeventos é aumentar o apoio ao esporte de alto rendimento e outras atividades não diretamente relacionadas a ele. O governo também investe no esporte, cujo motivo é buscar reconhecimento e valorização da comunidade ou nação. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

Nesse sentido, as Olimpíadas são um meio para esse fim. Como as Olimpíadas de Pequim 2008, que visavam mostrar a China como um país poderoso, dinâmico e atrativo para turismo e investimentos. Muitas cidades e países "remotos" e com menor visibilidade internacional utilizam os megaeventos para projetar uma imagem positiva para o mundo e garantir seu lugar como "principais players" na economia global, além de atrair o turismo internacional. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

O motivo pelo qual a cidade chinesa se interessou pela realização dos Jogos Olímpicos de 2008 foi, além da oportunidade de mostrar sua cultura, identidade, modernidade e poder como um dos países mais importantes do mundo, a oportunidade de fortalecer sua legitimidade. festa comum -nist chinês. Essa "abertura" proporcionada pelos megaeventos permite que os países criem ou recriem sua imagem para o resto do mundo dos países considerados "Potências Mundiais" utilizam megaeventos esportivos para demonstrar superioridade, reconhecimento e legitimidade internacional. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

As nações menores, por outro lado, usam o esporte para mostrar que podem pelo menos vencer os países ricos e poderosos no esporte, e oferecem uma oportunidade de provar que são iguais às colônias. É importante notar que a imagem de um país após os megaeventos pode ser tanto positiva quanto negativa. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

Nesse sentido, há cidades que são lembradas por dívidas, como as Olimpíadas de 1976, que trouxeram grandes prejuízos e dívidas à cidade de Montreal. Por outro lado, há cidades conhecidas pelo superávit, como as Olimpíadas de Inverno de Calgary em 1988, que tiveram um lucro de mais de US\$ 130 bilhões. o megaevento também inclui investimentos para promover a coesão e unidade dos cidadãos. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

No contexto dos megaeventos esportivos, o futebol é um exemplo claro da referida realidade durante a Copa do Mundo. O esporte geralmente foi promovido com visões políticas, pois pode atuar como um catalisador para a paixão, o sentimento de pertencimento e a construção da nação. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

A simbologia promovida por um megaevento, embora possa ser intensa, pode ser extremamente curta, limitada ao tempo do evento: a apresentação em massa de símbolos nacionais durante os megaeventos pode não corresponder a atitudes. nacionalistas E o quinto e último ponto em termos de estratégia é ser um iniciador do desenvolvimento econômico. Em relação aos megaeventos esportivos, justificam-se como catalisadores de projetos. Em outras palavras, eles fornecem "uma oportunidade de financiar e entregar

projetos de longo prazo que, de outra forma, permaneceriam inacabados por muitos anos". (SOUZA, 2013, p. 101-114)

Quanto às Olimpíadas do Rio 2016, elas se justificam com a ideia de atuar como catalisadora de empregos e investimentos, além de criar uma oportunidade de reanimar a economia e fortalecer a imagem da cidade e do país no mercado global. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

Em muitos casos, os gastos do setor público têm sido vinculados a projetos privados que aumentam o capital de alguns empreendedores e restauram áreas destruídas ou deterioradas. Governos, assim como corporações e organizações não governamentais como o COI e a FIFA, utilizaram o discurso do esporte como viabilizador do desenvolvimento para justificar o uso de grandes recursos públicos para megaeventos. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

No entanto, esse desenvolvimento é definido por uma lógica neoliberal em que os interesses corporativos e os líderes políticos são privilegiados e buscam expandir os fluxos de capital e atrair elites globais para investir. Organizar um megaevento não é, portanto, a melhor estratégia para criar um desenvolvimento benéfico para toda a população. Também é fato que organizar um evento composto por lideranças cívicas e empresários com motivações e interesses próprios não é a organização mais adequada para promover um desenvolvimento que maximize o bem comum. (SOUZA, 2013, p. 101-114)

2.3 INFLUÊNCIA JORNALÍSTICA

Desde uma simples partida de futebol até a final da Copa do Mundo ou até mesmo a abertura dos Jogos Olímpicos, em todos esses casos duas dinâmicas estão acontecendo ao mesmo tempo: o jogo que assistimos ao vivo na arena, e outra, igualmente importante no Mundo de hoje, que é o jogo. assistiu à transmissão da mídia do jogo para os torcedores fora daquele local. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

De certa forma, entender a comunicação esportiva requer uma compreensão clara de que em ambos os casos a comunicação está a serviço do que está sendo transmitido (o jogo), mas eles são fundamentalmente diferentes. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Para aprofundar a questão, deve-se notar que a comunicação esportiva é um campo especial de comunicação social que surge da interface do mundo do esporte. E seu papel não pode ser negligenciado, pois não há dúvidas de que o número de pessoas que conhecem o jogo pelas redes sociais é infinitamente maior do que o número de pessoas

que podem ir ao local da atividade esportiva. Aqui destacamos que quando falamos de comunicação esportiva, estamos tratando finalmente do contexto da comunicação (como se dá a comunicação entre emissores e receptores), formas de comunicação (meios de divulgação da mensagem) e tipos de meios de comunicação. qual esporte é um jogador estratégico. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

A esse respeito, pode-se dizer que a comunicação esportiva possui duas dimensões, sendo a primeira a comunicação primária que ocorre entre os agentes presentes no local da disputa esportiva, ou seja, entre os jogadores e a comissão técnica, imprensa, fãs, polícia e outros presentes. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

E a segunda, comunicação secundária, aquela que ocorre entre os agentes da comunicação primária com a munção em massa dos telespectadores (ou ainda: ouvintes, leitores, internautas etc.). É por isso que a relação do espectador com o esporte, principalmente aqueles que se relacionam com o mundo esportivo por meio da mídia, é marcada pelo significado do espetáculo midiático. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Se, por um lado, a mídia possibilita uma espécie de democratização do acesso ao esporte (como no caso dos megaeventos, onde poucos chegam ao cenário das disputas), por outro, a mídia cria um espetáculo. um produto esportivo que às vezes quase evita o jogo no local, criando uma impressão diferente da realidade do esporte. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

A mídia teve um papel importante na construção do espetáculo esportivo como o conhecemos. Quando falamos do espetáculo do esporte, estamos falando, portanto, do sistema de imagens criado pelo e para o esporte, e mais precisamente do sistema de imagens criado pelas dinâmicas relacionadas ao espetáculo mediado relacionado ao esporte. Os megaeventos esportivos - como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo da FIFA - desempenham um papel estratégico porque representam o ponto culminante da construção midiática de uma imagem sensacional do esporte. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

E são um grande desafio para o jornalismo esportivo. Quando falamos de comunicação esportiva, nesse contexto abordamos o universo já estabelecido e essencialmente diverso de práticas de comunicação, como o jornalismo e a publicidade esportiva no esporte. No entanto, é igualmente importante salientar que fazem parte da comunicação desportiva e ganham cada vez mais espaço e outras atividades de comunicação como relações públicas (RP), comunicação de marketing desportivo, diversas formas. comunicação que se dá no universo das relações humanas (por exemplo, eventos e propagandas), nas produções audiovisuais (filmes, documentários, exposições, etc.) , redes sociais, etc.).

Quando falamos em jornalismo esportivo, o problema se coloca justamente no enfraquecimento do jornalismo quando colide com a exibição esportiva. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

As emissoras de televisão, ainda no centro dos grandes conglomerados de comunicação e entretenimento, assumiram o papel de expandir e regular o esporte.

Um problema é a questão dos aspectos éticos da cobertura jornalística quando se trata de emissoras que são agentes da produção de programas esportivos e ao mesmo tempo realizam cobertura jornalística. Outro ponto é que o poder da televisão enfraqueceu a mídia impressa na cobertura de eventos esportivos. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

É inegável que nos últimos anos, com a expansão da Internet, esse cenário começou a mudar, mas o “grande negócio” do esporte ainda é a televisão, ou mais precisamente hoje, o centro do poder esportivo. comunicações são conglomerados de mídia convergentes que combinam entretenimento e informação com os mais diversos meios de comunicação. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Para que o jornalismo esportivo sobreviva ao espetáculo – seu irresistível apelo ao marketing e à publicidade – deve haver cada vez mais jornalismo que reexamine sua compreensão da cobertura e do interesse do público. Ressaltamos que atualmente existe uma situação em que as editoras clássicas da imprensa, como superfície de redação das “notícias mais importantes do dia” da sociedade, não conseguem mais levar em conta a realidade dos megaeventos esportivos. Informações que antes eram facilmente classificadas em, por exemplo, internacional, cidades, esportes, economia, agora assumem uma forma mais complexa. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Compreender o impacto econômico dos megaeventos esportivos é importante para entender um dos elementos-chave das estratégias dos megaeventos esportivos - o discurso da criação de legados - que já foi discutido aqui. Vale lembrar também que o conceito de economia neste trabalho é mais amplo que a discussão de negócios esportivos, abrange mais profundamente e se conecta com a realidade criada pelas ações dos megaeventos esportivos. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Outro conceito-chave é a governança corporativa, que vem do mundo das finanças e das empresas de capital aberto. Em geral são quatro os pontos de gestão que podem contribuir para a organização e gestão do evento através de boas práticas. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

O primeiro ponto é a transparência, vale lembrar que em megaeventos onde normalmente se utiliza recursos públicos, a transparência é essencial porque os “parceiros” são todos brasileiros que pagam impostos. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

O segundo ponto é a igualdade, refere-se ao fato de todos terem as mesmas oportunidades em ofertas, concursos, planejamentos etc. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

O terceiro ponto é a responsabilidade, o compromisso de comunicar as atividades de gestão aos grupos de interesse. O quarto elemento é a responsabilidade social dos grandes eventos, refere-se à obrigação de fazer um evento sustentável. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Como você sabe, as organizações que possuem ações devem considerar suas práticas de gestão, gestão refere-se aos procedimentos para implementar o relacionamento entre suas partes.

Compreender os conceitos de boas práticas também é uma questão importante para o jornalismo entender os atuais conflitos e oportunidades criadas pelos megaeventos esportivos, a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Na sociedade atual, construída em torno da troca de conhecimento e informação, a comunicação tornou-se um elemento estratégico e cada vez mais especializada. A comunicação esportiva foi projetada para atender aos requisitos existentes no campo da comunicação do mundo esportivo. E como já vimos, a comunicação nas práticas esportivas existe antes mesmo dos jogos serem transmitidos para a mídia. Mas a interação com a tecnologia da informação e comunicação (TIC) ampliou o universo esportivo para se tornar global. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Um público global pode assistir a qualquer evento esportivo em qualquer lugar do mundo em tempo real. E detectar e criar produtos de interesse global. E em alguns casos como coadjuvante ou papel central para atores jornalísticos. Para megaeventos esportivos, o jornalismo esportivo é muito mais do que cobrir esportes durante partidas e torneios. Isso deve ser verificado nas diretrizes da região, pois existe o perigo de que o mundo do jornalismo continue enfraquecendo diante dos interesses do entretenimento e do marketing, que já estão bastante avançados e convergentes na comunicação. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

Mas de forma mais ampla, o jornalismo está em destaque, pois a programação da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas do Rio de 2016 estavam na agenda nacional. Para resolver esse cenário tão difícil, rapidamente passará por um processo de reciclagem ou perderá espaço para outras formas integradas de comunicação que já entenderam que

o esporte se tornou um assunto "sério" e um objeto obrigatório para entender o Brasil nas primeiras décadas do século 21. (GURGEL, 2009, p. 193-210)

CAPÍTULO III – VALIDAÇÃO DOS EFEITOS NO PERÍODO PÓS EVENTO

Neste capítulo, o trabalho abordará os efeitos e impactos dentro do setor nacional, priorizando seus principais efeitos e os legados deixados nas principais cidades que recebera, tais investimentos com infraestrutura, que por muitas vezes não é mais utilizada.

3.1 OS IMPACTOS

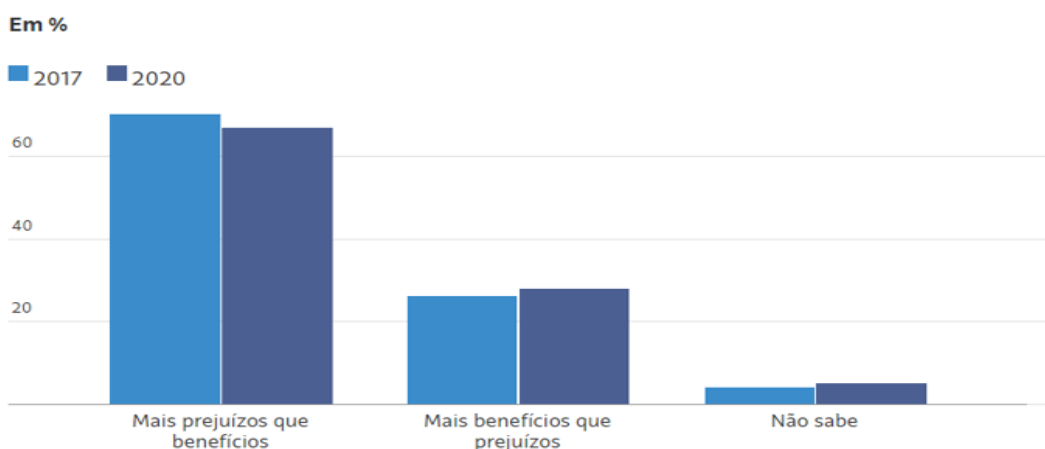
Conforme análise nos capítulos anteriores, vê-se que os Jogos Olímpicos no Brasil tiveram mais impactos negativos do que positivos, até antes ou durante o período dos jogos, vários movimentos sociais procuraram mostrar os problemas que tantos holofotes estavam ofuscando, sobretudo para os mais pobres. Mas, muitas dessas informações eram ignoradas á vista da euforia de sedirar um evento da magnitude dos Jogos Olímpicos.

Mais um ponto que reitera essa perspectiva negativa em relação aos impactos dos Jogos no Brasil são as próprias visões dos moradores cariocas. Em uma pesquisa do Datafolha realizada em novembro de 2020 indicava percentuais de 67% para moradores que demonstravam opiniões negativas, 28% opiniões positivas e outros 5% não opinaram.

Para fins de comparação, em 2017 também realizaram a mesma pesquisa e os percentuais foram similares, no gráfico abaixo vê-se essa relação entre os dois anos nos percentuais de aprovação do Jogos Olímpicos.

GRÁFICO 2: OPINIÃO DE MORADORES CARIOCAS SOBRE OS IMPACTOS DOS JOGOS NO RIO

Na sua opinião, o evento trouxe à cidade...



Fonte: Pesquisa Datafolha, divulgada pela Folha de São Paulo (2020)

Ou seja, isso mostra que grande parte da população consultada não deve ter sido de fato atingida pelo período, pois, como já mostrado no capítulo anterior, durante o período de planejamento houve mudanças significativas positivas em relação aos impactos socioeconômicos promovidos pelo megaevento.

Para ilustrar, o Rio viu sua taxa de desemprego cair continuamente – de 8,1%, no primeiro trimestre de 2012, para praticamente a metade, no segundo trimestre de 2015, quando teve seu melhor resultado (4,2%).

Essas obras são parte de um projeto maior que obedece a normas internacionais e interfere gravemente na vida dos cidadãos brasileiros. Por isso, há uma grande discussão sobre usos e abusos, significado internacional e tendências globais de megaeventos esportivos. Em geral, a discussão gira em torno daquilo que é chamado de “legado”. (CURI, 2013 p.66)

Contudo, como já era de se esperar, na fase de conclusão das obras, em 2015, a melhora foi visivelmente revertida, tendo o seu pico no Rio de Janeiro perto da realização do evento, em 2016, que chegou em 7,3%, ainda inferior aos 8,1% de começo, mas não se podia negar que a situação de melhora foi momentânea.

Mas dito sobre a taxa de desemprego, um ponto interessante foi em relação ao rendimento médio do trabalho nesse período, houve um incremento real de 16,15% na cidade do Rio de Janeiro entre o primeiro trimestre de 2012 e o segundo de 2016, véspera dos jogos. Mesmo sofrendo uma queda de 4,35% após o evento e mantendo-se nesse patamar nos trimestres seguintes, superou em 11,1% o rendimento do primeiro trimestre de 2012.

Segundo dado estimado pelo Ipea, foram investidos cerca de R\$ 42 bilhões (em valores de 2020) em obras públicas, como as arenas de jogos e sistemas de transporte, e obras privadas, como hotéis. Exceto pelas obras de transporte público, a maior parte dos gastos pode ser questionada, pois podem ficar subutilizadas, como as arenas dos jogos e até mesmo os hotéis.

Geralmente percebe-se nas cidades a existência de uma predominância da perspectiva econômica na decisão de sediar um megaevento, mas atualmente já aparece uma crescente preocupação tanto com os efeitos sociais, quanto com os ambientais e com o legado que o acontecimento pode deixar para a população. (MATIAS, 2008 p.178)

Segundo alguns estudos, como o da JLL, empresa no ramo imobiliário estatístico, focada em análises do mercado de hotéis, este no Rio de Janeiro, teve alguns comportamentos no período pré e pós jogos.

Claramente observamos um efeito de aumento tão grande na oferta que a demanda não foi capaz de ocupá-la. O que pode ser atribuído ao forte desaquecimento da economia brasileira no período, mas também à baixa ocupação por turistas estrangeiros, que não vieram em maior número ao país por influência das Olimpíadas.

Aliás, este é outro fator relevante na conta. Assim como Los Angeles foi a exceção à regra de prejuízos, Barcelona é exceção à regra de aumento de fluxo de turistas após as Olimpíadas. Uma das justificativas é que a cidade era pouco atrativa antes dos jogos, vivia à sombra turística de Madrid, e o projeto de “reconstrução” da cidade foi bastante eficiente. Conta a favor também o sucesso esportivo do Barcelona no futebol.

No final, os benefícios de longo prazo acabam custando caro. Uma solução é a ideia de Los Angeles, que novamente se ofereceu para realizar os Jogos Olímpicos de 2028 utilizando alojamentos de universidades no lugar de construir vilas olímpicas, reduzindo muito os custos.

3.2 DISPUTA PELO LEGADO

É muito importante levantar, além dos impactos permanentes em toda a sua estrutura, a disputa presente por esse legado em questão, seja no âmbito político ou das obras realizadas. (CURI, 2013 p.66-88)

Tendo a perspectiva de que em 2009 o Rio de Janeiro foi escolhido como país sede da próxima edição dos Jogos Olímpicos de 2016, a notícia foi recebido com ar de otimismo, até porquê a edição de 2007 dos Jogos Pan-Americanos, também realizada no mesmo local, foi tida como sucesso. (CURI, 2013 p.66-88)

Os organizadores desses eventos, como representantes das federações esportivas ou membros dos governos, tendem a ficar bastante eufóricos com a situação. Eles apresentam os megaeventos como automaticamente benéficos para o país e sua população. Os megaeventos esportivos são entendidos como um meio de desenvolvimento acelerado do país anfitrião. (CURI, 2013 p.66)

O interessante de se avaliar os legados dos jogos é perceber que, tanto defensores quanto opositores apresentam números concretos de ganhos e perdas financeiras, sendo que o saldo final é positivo ou negativo dependendo da linha de argumentação. Fica

visível que números sugerem uma credibilidade e objetividade que não têm. (CURI, 2013 p.66-88)

O legado de um megaevento esportivo é algo tão complexo que muito difícil pode ser resumido em poucas palavras ou números. Entretanto, essa complexidade não deve desanimar as ciências sociais, mas, ao contrário, faz dos megaeventos esportivos um desafio, que deve ser objeto de análise. (CURI, 2013 p.66-88)

Esses eventos, como os Jogos Pan-Americanos de 2007, Copa do Mundo de 2014 e a própria Olimpíada de 2016 não são eventos rotineiros na história de um país, e sim esporádicos, ou seja, quando seu país é selecionado para alguns desses eventos há muita empolgação nas realizações, de políticos, dirigentes e interessados no evento em enfatizar sua participação, sendo que isso já se configura como uma disputa, além da manifestação em questões como modernidade, progresso, democracia, mas também corrupção. (CURI, 2013 p.68)

Sendo que as manifestações ditas acima podem também ser explicadas pelo conceito de liminaridade de Turner (2005). Para o autor, a estrutura social é um sistema formal de relações humanas em uma determinada sociedade. A posição de cada pessoa é chamada de estado. Por outro lado, a cultura seriam as representações que cada sistema social encontra para expressar esse ponto de vista. ritos de passagem são, portanto, expressões culturais que indicam uma mudança de status de uma pessoa. Esses rituais têm uma fase de separação do antigo status, uma fase marginal e uma fase de reunião no novo status. (CURI, 2013 p.66-88)

Acredito que esse fato tem a ver com o significado de sediar um megaevento esportivo. Esse torneio de valor não só valoriza os atletas participantes, mas muito mais pessoas e inclusive muda o status da localidade-sede – seja cidade, seja país. Novamente podemos observar os rituais, principalmente, no processo da escolha das sedes. Todos os candidatos têm de preencher um questionário de candidatura padronizado, que deve criar condições igualitárias. Com base nesse questionário um colégio eleitoral vota em sessões fechadas ao público para eleger o escolhido. (CURI, 2013 p.72)

Essas transformações provocadas pela escolha do país-sede de um megaevento só tornam-se possíveis, pois se ocorrerem mudanças devido ao arranjo das categorias culturais existentes. Essas mudanças geralmente resultam de eventos como descoberta, invenção ou mudança natural. Mega eventos esportivos podem ser tais eventos. Seu poder está em sua superioridade na hierarquia dos criadores. No entanto, uma determinada

cultura é tão poderosa que mesmo esses megaeventos esportivos tendem a ser apropriados e assimilados à cultura local. Ou seja, é mais um signo novo do que uma cultura local. (CURI, 2013 p.66-88)

Antes dos Jogos Pan-Americanos de 2007, os últimos eventos que haviam sido hospedados no Brasil tinha sido a Copa do Mundo de 1950 e também os Pan-Americanos de 63, em São Paulo, ou seja, esses eventos ficaram distantes de nossa realidade por quatro décadas. E voltou a demonstrar interesse em 2007, e também 2014 e 2016 com a Copa e as Olimpíadas, respectivamente. (CURI, 2013 p.66-88)

Essas GPUs recentes refletem também a interesses políticos, pois, em 2007, o ex-prefeito do Rio de Janeiro, César Maia foi quem idealizou a autoestrada Linha Amarela dos estádios para o Pan. E para Benedicto (2008/2009) esses GPUs são a expressão de uma governança corporativa e neoliberal da cidade e, portanto, parte do cenário financeiro. A característica desse tipo de governo é que a prefeitura privilegia alguns projetos importantes e economicamente viáveis do ponto de vista da iniciativa privada. Portanto, os projetos normalmente se originam de parcerias público-privadas (PPPs). A Linha Amarela é um exemplo disso: foi construída em com recursos da prefeitura, mas é administrada por uma empresa privada Lamsa (Linha Amarela S.A.). Vários estádios dos Jogos Pan-Americanos foram feitos dessa maneira. O estádio de remo na Lagoa - Zona Sul do Rio de Janeiro - foi reformado e parcialmente ampliado com dinheiros públicos e dinheiro da empresa privada Glen. Esta empresa transformou o estádio em um shopping center após os jogos e apenas recolhe os lucros do negócio. (CURI, 2013 p.74)

3.3 CUSTO-BENEFÍCIO

A discussão de custo-benefício para megaeventos sempre estarão em alta, principalmente quando houveram dois em um curto período de tempo, sendo que a Copa do Mundo de 2014 abrangeu não só o Rio de Janeiro, mas também diversas outras cidades, que tiveram que se adaptar, no Brasil.

Muitos autores colocam em destaque o problema de eventos que exigem uma grande concentração de investimento em tempo e espaço (em uma cidade ou mesmo em locais específicos dentro da cidade-sede). Isso iria contra a garantia de sustentabilidade e um legado de longo prazo. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Também foi comprovado que a organização de eventos importantes exige medidas antidemocráticas, como a inobservância do formulário de consulta pública, que

é exigido em condições normais para a implementação de projetos municipais ou para a implementação de uma nova política estadual. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Introduzindo alguns pontos sobre os aspectos econômicos, sendo que podem ser positivos ou negativos. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Como o é o principal motivo para sediar grandes eventos, os potenciais benefícios econômicos diretos ou indiretos são mais frequentemente individualizados. Os benefícios diretos serão resultados positivos da transformação urbana relacionada à atração de capital e fluxos turísticos pré e pós-Jogos, construção/melhoria de instalações esportivas e infraestrutura geral, criando serviços de comunicação eficientes e aprimorando-os. (COSTA, 2013, p. 159-178)

As economias locais se beneficiarão do aumento do emprego (particularmente em setores, como construção) e, a longo prazo, da disponibilidade de custos de transporte mais baixos por meio da modernização das redes rodoviárias e ferroviárias, aumento do financiamento para mais instalações de transporte público. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Segundo alguns autores, os benefícios indiretos podem ser maiores que os diretos, mas são muito mais complexos de se considerar. Isso pode incluir receitas de publicidade apresentando a cidade ou país anfitrião como um potencial destino turístico ou de negócios no futuro. Aumentar a conscientização sobre a cidade ou país anfitrião por meio de publicidade internacional e aumentar o orgulho cívico entre as pessoas local e nacionalmente. O lado positivo do comércio e o lado das exportações também foram comprovados. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Outros observadores apontam que um dos maiores efeitos positivos desses eventos é a promoção da cidade-sede por meio de várias iniciativas, como Projetos de Renovação Urbana (Global), Divulgação de práticas esportivas ou que promova informações úteis aos moradores locais e Responsabilidade da Classe Política Local pela Cobertura Internacional do Incidente. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Os benefícios gerais da hospedagem dos megaeventos podem ser caracterizados em “primário” e “secundário”. Então, é claro, se for de longo prazo, os benefícios primários podem superar os benefícios secundários. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Os principais benefícios “primários” são o alinhamento das estratégias de crescimento corporativo com as cidades cooperativas ou metas nacionais por meio de parcerias público-privadas (PPPs), investimento na vitalidade do comércio, expansão estrutural das economias locais e expansão das cadeias de fornecimento de commodities e serviços de impacto ambiental (construído ou natural). (COSTA, 2013, p. 159-178)

A vantagem “secundária” vem do aproveitamento da nova infraestrutura criada pelo evento, por exemplo, a conectividade urbana, impacto no mercado de trabalho, desenvolvimento do mercado imobiliário, elevando a cidade ao cenário mundial com sua capacidade de gerenciar projetos complexos. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Mostramos até aqui os pontos positivos de sediar os megaeventos, porém isso vai muito além do que somente benefícios. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Frequentemente, os custos finais são muito maiores do que os orçados devido a várias razões: a primeira delas é que “no tempo que corre entre a preparação da cidade para o evento e sua realização, o custo das construções e a valorização da terra podem subir de forma significativa. Também ocorre que, para conquistar o apoio popular para concorrer ao evento, uma determinada cidade possa camuflar os custos reais. E com a apresentação das candidaturas das cidades aspirantes existe a tendência natural de não apenas satisfazer os critérios mínimos, mas de ir mais além, acrescentando outras ‘prioridades’ aos planos originais” (COSTA, 2013 p.163)

Mesmo como, já dito no texto, o modelo de Barcelona ter sido o principal “case de sucesso” em relação a realização de megaeventos, o governo da Espanha deixou uma dívida de \$4 bilhões, além de outros \$2,2 bilhões no caixa da província. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Abordando um pouco sobre os aspectos sociais neste momento, os impactos sociais negativos de grandes eventos em são muito mais difíceis de avaliar do que os benefícios finais. Alguns pesquisadores, como (Burbank et al, 2001; Whitson e Horne, 2006; Vainer, 2010; Costa, 2012a) mostram que sediar grandes eventos esportivos normalmente beneficia apenas alguns segmentos da população, principalmente as elites empresariais e políticas dominantes.

Os “custos sociais” mais óbvios dos megaeventos são os despejos e reassentamentos, definidos como “uma característica comum dos megaeventos”, que, embora ocorram na cidade sem muito esforço, representam uma oportunidade única de avançar nessa direção. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Um segundo aspecto a ser destacado são os “estados de exceção”, que foram para proteger os "direitos dos Jogos", como a criação de "zonas restritas" ao redor de prédios esportivos, onde a circulação de moradores é proibida, ou a proibição de manifestações e procissões dentro e ao redor de locais de eventos. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Os processos de gentrificação também afetam as condições de vida das pessoas como fatores indiretos. que são obrigados a se deslocar para as partes marginais e menos

valiosas das cidades. devido aos processos de valorização de terras e imóveis, que incluem atividades esportivas. Esses eventos mudam a localização da cidade e a tornam acessível aos pobres e, ao mesmo tempo, trazem certos benefícios econômicos. (COSTA, 2013, p. 159-178)

Por fim, em terceiro lugar, a literatura e a história recentes mostram como os megaeventos beneficiam as comunidades mais pobres. Muitos estudos mostram que, especialmente nos países em desenvolvimento, os empregos criados por esses eventos são mal remunerados, temporários e até perigosos; Acontecimentos que normalmente afetam populações economicamente vulneráveis resultam em vítimas vivendo em condições precárias, longe de oportunidades de emprego, transporte, escolas, hospitais e outros serviços básicos. (COSTA, 2013, p. 159-178)

CONCLUSÃO

O trabalho foi feito de acordo com construções de argumentos e discussões que contornam os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 e trazendo elementos históricos de outros megaeventos que corroboram com a constatação das conclusões citadas ao decorrer do texto.

De fato, os megaeventos trazem por si só uma euforia muito forte ao país e a população que os recebem, a entrada de turistas de outros países, as relações sociais que compõe o ambiente de integração e interação dos eventos atraem muito público, contudo, também deve-se notar todas as ações feitas para que o evento fosse realizado.

Utilizando modelos de base, como o de Barcelona, foi importante para nos respaldarmos das armadilhas impostas na construção desse projeto, com todas as recomendações do COI, por exemplo, no caso da realização das Olimpíadas. O planejamento pós jogos é de extrema importância para que não haja excesso de infraestruturas inutilizadas, por isso modelos de base são essenciais.

Obviamente É importante mostrar a utilidade dos conceitos propostos para a compreensão dos processos atuais na "Cidade Estranha" a favor desses eventos. Claro que não é possível mostrar todos aqui, pois os outros artigos destacados nesse trabalho relatam isso muito melhor e de forma mais completa.

Portanto, é importante mostrar como a cidade começou a investir em grandes eventos esportivos no início da década de 1990 para combater a recessão. Em 2002, a cidade venceu a disputa para sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007 com a sua imagem da cidade do estado do Rio e do país no cenário internacional e a apresentação de com sua beleza cênica e riqueza cultural é claro que esses valores sustentam novas oportunidades de negócios e investimentos fundamentais em políticas públicas.

Como você sabe, a cidade perdeu em 2012, mas o Brasil ganhou a Copa do Mundo de 2014 e o Rio de Janeiro finalmente ganhou nas Olimpíadas de 2016.

Cinco anos depois da Olimpíada, pode-se afirmar que o legado não cumpriu as expectativas de melhorar a estrutura urbanística, esportiva e social de Rio de Janeiro. O Parque Olímpico, a principal infraestrutura dos Jogos de 2016, na zona oeste da cidade, que custou mais de dois bilhões de reais aos cofres públicos, teve pouco uso depois das competições esportivas

REFERÊNCIAS

- ALBERINI, Bruno. **Megaeventos: uma estratégia de atração turística?**; BIBLIOTECA DIGITAL DE PERIÓDICOS, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/37138/22888>>. Acesso em: 25 set 2019
- COSTA, Giuliana. **Sediar megaeventos esportivos vale à pena?**; O Social em Questão - Ano XVI - nº 29 – 2013, p.159-178. Disponível em: <<http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/7artigo29.pdf>>. Acesso em: 25 set 2019
- CUNHA, Neiva. **O “modelo Barcelona” em questão: megaeventos e marketing urbano na construção da cidade-olímpica**; O Social em Questão - Ano XVI - nº 29, pp. 325-330, 2013. Disponível em: <<http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/15artigo29.pdf>>. Acesso em: 01 out 2019
- CURI, Martin. **A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil**; horizontes Antropológicos, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/horizontes/142>>. Acesso em: 07 set 2019
- FERNANDES, Ana Maria. **Megaeventos e Turismo no Rio de Janeiro: um olhar sobre o Planejamento Estratégico e a promoção da imagem da cidade**; CVTempespaço, 2018. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1532/605>>. Acesso em: 20 out 2022
- GURGEL, Anderson. **DESAFIOS DO JORNALISMO NA ERA DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS**; Ano XXI, Nº 32/33, P. 193-210 Jun-Dez./2009. disponível em: <<https://docplayer.com.br/68519166-Desafios-do-jornalismo-na-era-dos-megaeventos-esportivos.html>>. Acesso em: 10 nov 2019
- LIMONAD, Ester. **Estranhos no Paraíso (de Barcelona)**. Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona; ResearchGate; 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/39114417_Estranhos_no_Paraiso_de_Barcelona_Impressoes_de_uma_geografa_e_arquiteta_brasileira_residente_em_Barcelona>. Acesso em: 20 out 2022
- MATIAS, Marlene. **Os efeitos dos megaeventos esportivos nas cidades**; BIBLIOTECA DIGITAL DE PERIÓDICOS, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/12934/8732>>. Acesso em: 10 nov 2019
- OLIVEIRA, Alberto; **A economia dos megaeventos: impactos setoriais e regionais**; Revista paranaense de Desenvolvimento, 2011. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/230/677>>. Acesso em: 10 nov 2019
- RAEDER, Sálvio. **PLANEJAMENTO URBANO EM SEDES DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS**; Pluris, 2010. Disponível em: <<http://pluris2010.civil.uminho.pt/Actas/PDF/Paper201.pdf>>. Acesso em: 20 out 2019
- ROCHA, Glauter. **IMPACTOS ECONÔMICOS DOS JOGOS RIO 2016 NO MUNICÍPIO E NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO**; IPEA, 2018.

Disponível em: < https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8933/1/td_2438.pdf>. Acesso em: 20 out 2020

SOUZA, Ana Paula. **MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: competições esportivas ou políticas/econômicas?**; Motrivivência Ano XXV, Nº 41, P. 101-114 Dez./2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p101/25824>>. Acesso em: 01 out 2019

VAINER, Carlos A **CIDADE DO PENSAMENTO ÚNICO Desmanchando consensos**; Editora Vozes, 2002, pp. 7-192. Disponível em: <<https://privatizacaodarua.reporterbrasil.org.br/dadosabertos/bibliografia/A%20cidade%20do%20pensamento%20%C3%BAnico%20-%20Ot%C3%ADlia%20Arantes,%20Carlos%20Vainer,%20Erm%C3%ADnia%20Maricato.pdf>>. Acesso em: 15 out 2021

VIANA, Lucio A **ideologia na produção do espaço: os megaeventos como agentes difusores da ideologia (neo)liberal**; Scielo, p. 80-97, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cm/a/pB4WMQnPPMqySgdst346ZBD/>>. Acesso em: 20 out 2022

Quatro anos depois cariocas têm avaliação negativa da Olimpíada do Rio; Folha, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/11/quatro-anos-depois-cariocas-tem-avaliacao-negativa-da-olimpiada-do-rio.shtml>. Acesso em 29/10/2022